



PIRE semanário humorístico



... Cada 2 de Novembro vive um desconhecido, que não exhibe os seus estereótipos das religiões, da moral e dos bons costumes, nem mesmo a clássica "fralda de camisa". Estou reduzido á parra.

E D I T A L

“SEMPRE FIXE,, governador incivil da graça e da laracha carnavalesca, mantenedor da desordem pública e da arruaça na via idem, nas casas de espectaculos e na de cada um

Faço saber o seguinte:

1.º— São permitidos todos os folguedos carnavalescos, porque tristezas não pagam dividas, tal qual como qualquer pessoa que se preza.

2.º— Nas ruas observar-se-ha rigorosamente o disposto quanto á samsaboria de todos os anos, mas não é proibido que cada cidadão chegue a quarta-feira de Cinzas com a convicção de que passou o Carnaval em Venesa e se divertiu *cuma burro*.

3.º— Nos teatros e casas de espectaculos tristes é sempre conveniente perturbar as representações, atirando toda a casta de papelinhos aos artistas, para que se não ocam os seus papeis, com o que muito tem a lucrar a arte dramatica nacional, o timpano individual e o bom gosto em geral.

4.º— Aos artistas é absolutamente prohibido incomodar o publico atirando-lhe com papeis mal estudados, retroz preto e arsenico.

5.º— Na casa de cada um, além do Carnaval habitual, são permitidas outras diversões, tais como: atirar com as batatas que haviam de ser para o jantar do dia seguinte ás cabeças dos maridos; descompor as sogras em lá maior; não jantar na segunda-feira gorda para na terça-feira ir ao Coliseu; não coser as bebedeiras antes de quarta-feira de Cinzas, devendo o cidadão coser apenas as brechas da cabeça a pontos naturais durante os quatro dias em que abrindo-se a torneira da graça, se abrem tambem algumas cabeças.

6.º— Não será permitido o uso de mascaras na via, a não ser que sejam contra gazes asfixiantes, mas isto só no caso duma rolha não dar resultado satisfatorio.

Paragrafo unico.— As pessoas que nos três dias que antecedem o Carnaval se alimentem a pó de arroz de Houbigant e agua de Colonia dispensam a mascara e dispensam a rolha.

7.º— É prohibido arremessar das ruas, casas ou outros lugares quaisquer objectos que não estraguem os fatos dos transeuntes ou não lhes deixem o corpo a pedir concerto, porque os medicos precisam de ganhar a sua vida e é necessario acudir á crise que atravessa a classe dos alfaiates.

8.º— É prohibido atirar corações de meninas de 16 anos, azas de aviões «Do-X» «X» ou «X. P. T. O.», fosforos de cera gazolina ou quaisquer outros produtos facilmente inflamaveis.

9.º— Fica expressamente prohibida a venda de dinamite, cloreto de potassa, feijão encarnado e outras materias explosivas.

10.º— Não será permitida ás senhoras a exhibição de trajos menores, a não ser nos bailes de sociedade, porque, sendo de sociedade, ellas lá se tapam umas ás outras e os homens fecham os olhos a tudo.

11.º— O transito de carroças,

galeras, camiões ou veiculos com genros que não sejam ornamentados só se pode fazer em ruas de pouco movimento, por causa dos espetanços.

12.º— Os patifes não poderão vestir-se de pessoas honradas, porque já assim andando mascarados todo o ano, não custam nada a matar.

13.º— É rigorosamente defeso, mesmo a titulo de graça pesada, arredar o elevador de Santa Justa do seu lugar, trocar as torres da basilica da Estrela pela arco da

rua Augusta, prejudicar a instrução publica desviando o Tejo do seu curso e mudar de casa o sr. Perry Vidal.

14.º— Ninguem poderá desfigurar o proprio rosto, a ponto de se tornar irreconhecivel, senão as senhoras finas e as mulheres do carvão.

15.º— O corso da Avenida da Liberdade deverá realizar-se tendo em conta a carestia da vida, como nos anos anteriores, e de modo que, quando ele terminar, possamos atestar aos estrangeiros, com

o asseio, com a limpeza irrepreensivel do pizo, que somos um povo civilizado. O proprio curso é melhor não atirá-lo fóra. É preferivel enguli-lo, para que não pareça que se trata de fregueses de cuspo.

Não será igualmente permitido lançar cloreto de etilo, éter ou produtos similares, por meio de bisnagas. As bisnagas são como as touradas: é cada qual em sua casa com as suas familias.

17.º— Proibem-se tambem os pós esternutatorios, continuando, porém, o espirro natural, o espirro que não é provocado, a ser livre depois da meia noite.

Paragrafo unico.— Para distinguir o espirro natural do esternutatorio, será nomeada uma brigada de agentes especializados, cuja missão consistirá em verificar quando se espirra por acaso ou quando se esternuta.

18.º— O sujeito que transgredir estas disposições continua a ficar sujeito da mesma fórma, mas será coagido ao pagamento duma multa de catorze vintens e meio, sem prejuizo de pena maior.

19.º— Nos clubs não é preciso, embora seja permitido, atirar coctes com areia, porque são os homens que se atiram a elas.

20.º— A policia reprimirá energeticamente qualquer desacato ás disposições deste edital, devendo evitar que se arremessem pedras com mais de meio quilo, chumbo derretido ou em fórma de bala de pistola, urina com mais de oito dias de fabricada e romances do sr. Sousa Costa, que são obras que mandam peso.

Paragrafo unico.— Merda pode atirar-se á vontade, mas não com a mão: só com a boca, que é a unica maneira de não sujar os fatos.

21.º— Fica prohibido o uso de ovos pódres. Quem tiver muito gosto em atirá-los pode facilmente iludir a policia, atirando pasteis de nata, que os ovos pódres lá estão da mesma fórma.

Paragrafo unico.— Aos pasteleiros basta atirar-lhes piadas destas e eles darão mais sorte do que se se lhes partisse um vidro da montra ou uma perna.

22.º— Todas as pessoas, seres vivos, animais domesticos (domesticos ou não, para incluir tambem os maridos enganados e os agiotas), poderão pois jogar o Carnaval, exceptuando-se apenas as galinhas. Não é justo que, passando ellas o ano inteiro a cagar para o consumidor comer, não tenham três dias de descanso anal, quando todos se andam a cagar uns aos outros.

23.º— Fica revogada a legislação em contrario e estamos entendidos.

Viva a magnesia!
Viva o sulfato de soda!
Viva o cloreto de potassa!
Viva a magnesia!
Viva a seringa!
Viva o purgante em geral!



Suplicio de Tantalos dos pintasilgos.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

O CARNAVAL DOS ARTISTAS



A acção passa-se no reino animal. Quem serão os interpretes?

APARECEU agora a *Parceria de Revistas a Vapor, Limitada...* que Deus queira não vá encalhar na Outra Banda.

Chama-se *Xá bi tudo* — a sua primeira peça. Vamos lá vêr se ele dá *tudo...* ou *nada!*

POR causa do *Diabo em casa*, o sr. dr. Ramada Curto sempre tem andado com um Ferro...

CONSTA que o actor Ribeiro Lopes, para não deixar o *Seculo* mal colocado, ainda tentou suicidar-se quando leu naquele jornal a noticia da sua morte...

FOI retirada dum teatro uma revista destinada á época do Carnaval, por desinteligencias entre os autores, o empresario e ensaiadora.

Isto quem se mete com mulheres!...

CHAMAREM a Amelia Rey Colaço «Uma garota sem importancia!»... Já é coragem!

POR causa das moscas, o Emguz refira do Variedades o *Pato Marreco* e mete *vaudeville*.

Oxalá que, *Por causa das mos-*

cas, ele não tenha que retirar *vaudeville* e *mór revista*...

NO teatro do Gimnasio sobe brevemente á scena a farça *Visconde em Bolandas*.

Por lá não é só o *Visconde* que anda em bolandas!...

POR causa da vinda a Portugal de varios directores de empresas produtoras de filmes, sabemos que varios actores e actrizes já compraram plantas de Paris para estudarem a topografia daquela cidade...

VASCO Sant'Ana sempre nos saiu um pardal!...

Aquilo não é o Pardal do Camões: é um pardal maluco!...

A revista do Carnaval do Gimnasio intitula-se *Orgia Dourada*.

Com a direcção que aquilo leva, deve ser uma orgia mesmo muito dourada.

A *Dama do Sud*, felizmente, ainda não embarcou.

Deu-se bem com os ares de cá...

A exploração do Trindade corre *Estrela*.

de vento em pópa com o *Leão da* Com a sorte que o teatro está, não ha ali um leão, mas uma data de leões...

Com mais um melhoramento

O HOMEM DE TODAS AS HORAS.

O CARNAVAL DOS ARTISTAS

UM diario da tarde publicou uma noticia na qual se dizia que a *Parceria Lisbonense de Revistas a Vapor, Limitada*, era constituída por um jornalista, um actor e uma senhora de sociedade... — o que não é exacto.

A *Parceria* é formada por dois jornalistas e um distinto advogado. E, que nos conste, nenhum deles é senhora de sociedade!...

A' pressa foi substituido o titulo da peça do Politeama. Do que era passou a chamar-se *Dá-lhe poucas...*

Será piada ao primeiro?...

O mundo dá tanta volta! Quando a actriz Corina Freire rompeu o contrato com a companhia Hortense Luz, de que era empresario José Loureiro, para ir filmar a *Canção do Berço*, calu-lhe em cima o Carmo e a Trindade, onde ela ia trabalhar.

Multaram-na! Proibiram-na de representar! Quizeram tambem que o filme de que era protagonista não fôsse exhibido em Portugal!

Nessa altura, dissemos aqui, no *Sempre Fize*, que não valia a pena tanto barulho para nada. Tudo voltaria á primeira fórma.

E voltou! A Corina Freire parece já ter o teatro Avenida, que é do José Loureiro.

Não ha que vêr: fizeram as pazes!...

A companhia do Maria Vitoria ainda se estreia este mês, no Porto, com o *Senhor da Serra*. Temos saudades! Deixem-nos, ao menos, o *Menino Bonito!*

Do *Diario de Lisboa*: «Consta que chegarão brevemente a Lisboa representantes da Fox e da Ufa, que vem firmar contratos com artistas portugueses para a realização de filmes no nosso idioma.»

Como o idioma é muito sonoro... compreende-se. E' só eles abrirem a boca!... Mas, afine!, quem fica? Não ha duvida: o sonoro está reduzindo o nosso teatro ao silencio!...

NA semana de Carnaval vamos ter a *Dança da Bica*, no Maria Vitoria. Não seria melhor a *Dança da Luta?*

CONSTA que o distinto advogado e comediografo dr. Mario Monteiro, que ha dias publicou no *Diario de Lisboa* o interessante artigo «Mostrem as mãos», tem pronta uma peça intitulada: *Mostrem os pés*.

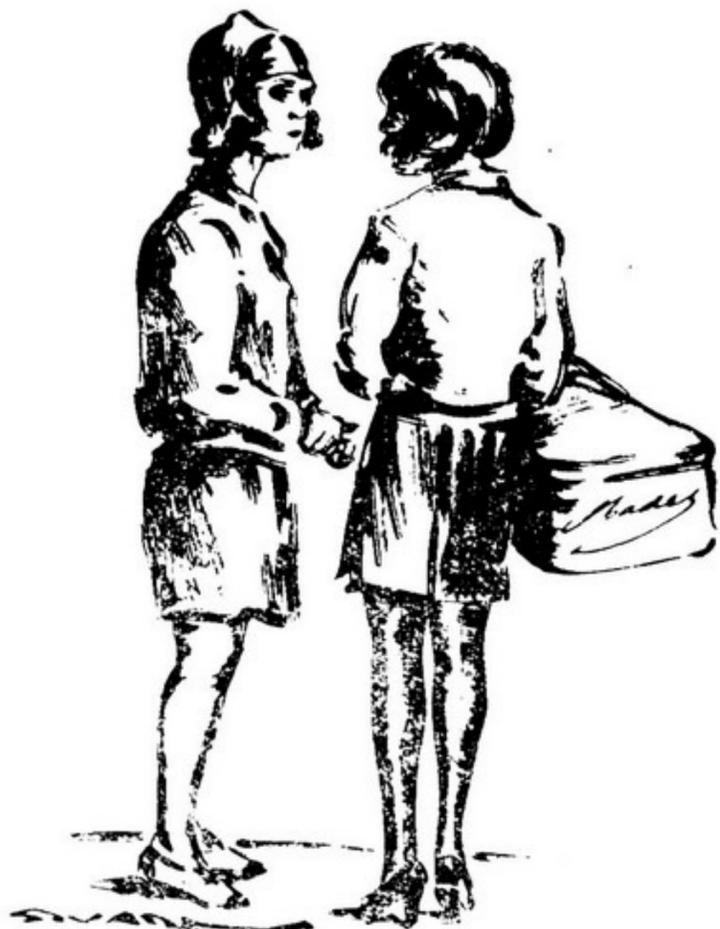


JOIAS, PRATAS, OURO E RELOGIOS

JOALHARIA MORAIS — Rua Nova do Almada, 98 e 54

TELEFONE 2 7662

CARNIVAL



— Levo aqui o vestido para a senhora se mascarar.
— E' bonito? Como é ele?
— É uma «trousse» com aplicações de prata.

Uma noite de «première»

Você reparou as nuances repararam no aspecto belico dum teatro de revista em noite de «première»? Então reparem.

A sala tem a aparência grave dum tribunal num dia de julgamento de criminosos celebres. Nas primeiras filas, caras inquisitoriais aguardam a subida do pano, com a mesma ansiedade perversa com que o carrasco espera a sua vítima. Passam 40 minutos da hora mareada e o pano de ferro começa a subir lentamente. E enquanto a orquestra afina os instrumentos, os espectadores começam a afinar com a demora... Alguns já leram 20 vezes as palavras do pano de ferro: «Foram diminuídas as probabilidades...» Pobres autores! Como eles estão também a ver diminuídas as probabilidades dum éxito que cada vez se lhes afigura menos problematico. Diminúe o susurro. A orquestra ataca a sinfonia. Começam a ouvir-se ditinhos abafados: «Hoje é que elas se pagam todas juntas!» — «Então estes malandros que a gente não co-

nhece, que não frequentam o nosso café, nem vão a «Chic», nem usam menoculo, atreveram-se a escrever uma peça?!» — «Palavra d'honra? Você não os conhece?!», pergunta do lado um velho frequentador de «primeiras», que está tão convencido do seu papel de juiz que até está ali «de borla»...

Sabiu o pano. — Que porcaria de scenarios!», começa por dizer um «coio» profissional! — «E de papel!», comenta do lado um pseudo-critic, muito convencido que os scenarios costumam ser feitos de outra coisa... — Olha que pernas tão mal feitas q... tem aquela coisista! Que porcaria de peça!» E esfregam-se as mãos de contentamento, e trocam-se olhares expressivos, olhares que gelariam o sangue nas veias dos autores se os desgraçados não estivessem na «caixa» escondidos e cabisbaixos, como quem cometeu um crime grave...

Apareceu agora em scena uma «estrela» que tem o decaramento de ter um unico amante, não retribuindo os galanteios diarios dos diversos admiradores. A pateada rebentou, furiosa, ensurdecadora. E quando, no final do acto, os autores tiveram o arrojo inaudito de atender os pedidos que os chamavam ao palco uma verdadeira tempestade humana se elevou ao longo da sala.

É talvez por isto que vemos ordinariamente, ao cimo dos cartazes, três, cinco e mais nomes firmando uma revista. Lá diz o ditado que «a união faz a força»... E, além disso, também a grande quantidade de autores poderá dar ocasião a repetir-se uma scena passada, ha tempos, com uma companhia em «tournée» pela provincia: Chegara-se ao fim dum acto e os poucos espectadores existentes na sala pateavam furiosamente. Foi nesta altura que um dos actores pediu silencio, contou os assistentes e, elevando ameaçadoramente a voz, exclamou:

— Eu não sei se os senhores já repararam que nós estamos em maioria!...

ANIBAL NAZARÉ.



— O meu capitão dá-me dispensa para ir ao enterro de minha mãe?
— Vai lá, mas para outra vez não voltes cá a pedir.

Elevador da Gloria

Uma apresentação:
A mulher: — E' a nova criada! Chegou no comboio das 8,45!
O marido: — Façamos por guardá-la!
A mulher: — Está tranquilo! Agora só ha comboio amanhã de tarde...

* * *

Questões complicadas:
— Quais são os livros que ha meses estás lendo?
— O Velho e o Novo Testamento!
— O quê, a questão dessa herança não está ainda liquidada?...

* * *

Tudo inutil:
— Doutor, chegou muito tarde; meu marido morreu!
— Com efeito, não tenho mais nada que fazer...

* * *

Na escola:
O professor: — Dê-me um exemplo de animal domestico.
O aluno: — O cão!
O professor: — Outro exemplo.
O aluno: — Outro cão!...

* * *

Num restaurant da Ericeira:
O freguês: — Visto que estou numa praia, traga-me peixe!
O criado: — Muito bem! Vou abrir uma lata de sardinhas...

* * *

Entre amigos:
— Tenho que comprar um livro!
— Mas tu nunca lês nada!
— Não, mas minha noiva ofereceu-me uma fabrica de cortar papel...

* * *

Na rua:
Ela: — E' incrível! Tão simpatico e ainda solteiro! Que desgraça!
Ele: — Não, minha senhora; sou casado!
Ela: — Oh, tão simpatico e casado! Que desgraça!

* * *

A mulher: — A tua novela vai muito adeantada?
O marido: — Muito! O protagonista vai pedir agora a mão dela!...
A mulher: — Que ela diga que não! Pobre rapariga!...

* * *

Ele: — Sou muito generoso!
Ela: — Tu, que não dás um vin-tém a um pobre?!
Ele: — Enganas-te! Não vês ai no jornal: «Anonimo, cinco contos»? Pois sou eu...

* * *

O marido: — Comprei este lindo colar por ser hoje o dia do teu aniversario.
A mulher: — Mas tu não sabes que eu queria um automovel?
O marido: — Bein sei, mas não consegui encontrar um auto de imitação...

* * *

Estatística de cinema:
— Tem um papel importante no ultimo filme que fez?
— Precisamente vinte quilometros, trinta metros, cinquenta centímetros e 2.500 palavras...

* * *

Razão de peso:
— Mas, enfim, qual a razão por que te condecoraram?
— Porque ainda o não era!



— Divertiste-te muito, querido?
— Passei toda a tarde a atirar...
— Tem graça. Também eu...

Para o Carnaval

Um redactor do *Sempre Fire* tem a honra de apresentar aos seus leitores os variados modelos de figurinos de entrudo preferidos por algumas das individualidades em destaque na politica, nas artes e nas letras.

* * *

O primeiro a enviar-nos a sua opinião foi o sr. dr. Ramada Curto. O distinto comediografo diz-nos, numa carta muito espirituosa, que gostava de aparecer pelo Carnaval mascarado de *O cavaleiro da mascara de Ferro*.

O actor Chaby Pinheiro mostra-nos a sua preferencia por *D. Quixote*.

O dr. Brito Camacho, se não fosse reparado, não se lhe dava de aparecer vestido de dama galante, num disfarçado reclame aos produtos Nally.

O escritor Rocha Martins ficava muito bem num traje de *lucres* com que era costume figurar a *Historia nas antigas cégadas*.

O escritor Antonio Ferro ficava a matar numa farda de empregado dos «Vagons-Lits».

O poeta Antonio Bôto ficava um amor mascarado de menino de côro.

Ao novelista Ferreira de Castro assentava-lhe bem o «costume» de comendador ou conselheiro.

Mario Sá ficaria imponente nas vestes de rabi.

O sr. Cardoso Marta confessava a sua predilecção pela farda de bombeiro.

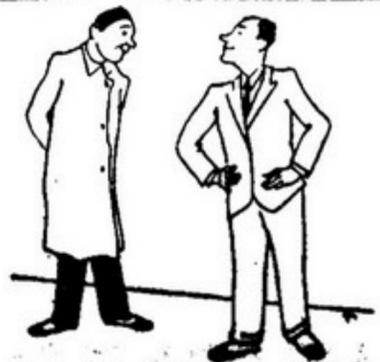
O poeta Sevilha em artista de circo, especialista em engulir espadas.

O dramaturgo Vitoriano Braga talvez apareça disfarçado em gato persa.

O bailarino Francis aparecerá num lindo «costume» de Lucrecia Borgia.

Reinaldo Ferreira aparecerá mascarado de «Fantomas».

O poeta Silva Tavares não deixará de se mascarar de «Chantecler» e o escritor Alfredo Pimental em «Salomé», só para mostrar a Oscar Wilde que é capaz de o arrelhar...



— Deve fugir dos ajuntamentos.
— Mas isso é difícil, porque o meu officio é o de carteirista...



— Que frio, até os dentes me doem...
— Porque não os tiras um pouco.

O perigo do Outono

Cáem as folhas das árvores, nesta quadra do outono; cáem os homens de sonolência por causa da cerração, e cáem os bacilosos...

E como o verbo cair, no outono, é muito conjugado, as mulheres cáem nos clubs elegantes a procura dalgum *pato* que caia com a ceia!

Exemplifiquemos: No dia em que a nossa Odete, noiva doutora, foi cair no *Aborrecete Foco Club*, tanto dançou, tanto *gamboleou* que caiu de cansaço no colo do Jeremias, uma pessoa de recato e de bons cabedais que por vezes cai na *esparela* das mulheres *jazz-lândicas*... Isto é, como o outro que diz: — *deixa-se ir no canto da serena*.

O pior de tudo, porém, foi o marido ter ido esperar a sua *consorte* à porta do *Aborrecete*. Que mau quarto de hora!

A linda senhora saltou dos braços do amante e correu... estreitar o seu *Sã*... que a descoberto tudo viu. E, sem o menor reboço de honestidade, a cautela foi perguntando:

— Então, queridinho, durante a minha ausência o que fizeste?

— Absolutamente fiel, Odete. Andei pelo largo do Camões a ver os passatinhos a enregelarem-se de frio. Coitadinhos, pois não são?

Ela mordeu os lábios despeitada; o Jeremias aproveitou o momento para cair, providencialmente, dentro dum *taxi*; e o infeliz cabeça de casal sorriu...

E a Odete, furibunda ante aquela subserviência marital, prescrutando-o até ao íntimo do coração, regougou:

— Eu? Tão fiel quanto o meu querido maridinho...

O Sebastião, nesta altura, verificando que não havia nevoeiro, coçou os poucos cabelos da careca e muito a sério disse-lhe:

— O' pequena, fique sabendo que nunca mais sairá de casa para divertir-se à minha custa...

— Oh!

— E' assim mesmo. O outono tem muitos perigos para as mulheres.

— E para os homens?

— Ah! Esses sabem bem fugir deles!...

Tableau.



— O Silva deixou 6.000 contos; devia gostar de ser a viúva.
— Preferia ser a tua.

Graça dos outros

O futuro sogro: — Agora não posso dotar minha filha, mas quando morrer deixo-lhe um milhão...

O futuro genro: — Muito bem; mas não podia fixar a data do seu falecimento?...

Entre amigos:
— Ótimo! Depois de que te casaste, não te falta um botão no fato!

— Sim, minha mulher logo que se casou, a primeira coisa que fez foi ensinar-me a coser...

Na rua:
— Meu rico senhor, de-me uma esmola! Perdi minha mulher!

— Que sorte não a ter encontrado novamente...

A mãe: — Tu és muito mau, Gustavo! Tenho que dizer a teu pai como te portas!

Gustavo: — As mulheres são todas as mesmas: não sabem guardar segredo!...

Na abegoaria:
— Tantas vacas numa casa tão pequena!

— E' de proposito!! Quero fazer leite condensado!...

Entre escritores:
— Encontrei um editor que me quer lançar...

— Pela janela, naturalmente...

Na prisão:
O director: — Tem alguma reclamação a fazer?

O preso: — Sim, senhor. Estou muito fechado e falta-me o ar...

Num escritório:
O patrão: — Você sempre anda com um fato muito velho!

O empregado: — E' verdade! Comprei-o a ultima vez que fui aumentado!...

Num baile:
— Vejamos, marquês! Nasce-nos no mesmo ano e eu já vou nos 59...

— Sim, mas eu «estabilizei» nos 45!...

Na policia:
O chefe: — Que mau instinto o levou a guardar a carteira?

O preso: — Não foi um mau instinto. Apenas o instinto da conservação...

Pergunta indiscreta:
O pai: — De que gostas mais: da mamã ou duma laranja?

O filho: — Da mamã, que me val dar uma laranja...

Homens, precisam-se

Na pagina de anuncios do nosso grande informador deparámos com este apêlo aos homens:

Carnaval

Em baile particular convidam-se cavalheiros respeitáveis, noites sabado, domingo e terça. Ha ceia. Dix rua Augusta, 270, 1.º.

Pela morada suprimos que «mon-cieur» Daval vai dar uma série de festas e que precisa de homens para dançar, comer e beber!

CARNAVAL



— Mas tu queres ir assim vestida ao baile?
— Naturalmente.
— Naturalmente? Ao natural, queres tu dizer.

Como se ensinam agiotas

Em Coimbra, uma tarde, á hora do lusco-fusco, o amigo Xavier — era indio e por isso se chamava Xavier — foi ao encontro do seu amigo Joshua — era judet, e por isso se chamava assim — e, estendendo-lhe um vale do correio que levava na mão, disse-lhe com um ar humilde de quem precisa muito:

— O sr. Joshua é que me poderia fazer este favorsinho: descontar este valesinho de cinquenta mil réis... O correio já está fechado e o diheiro faz-me falta esta noite...

— Sim, senhor — respondeu-lhe Joshua, depois de ter mirado e remirado, com os seus olhos de miope, o vale do correio. Mas... negocios são negocios... E' uma praxe-sinha da casa... Ficam dez mil reisinhos de comissão...

— Ora essa, sr. Joshua, faz favor — respondeu-lhe Xavier.

E Joshua, em troca dum vale de cinquenta mil réis, passou quarenta para a mão de Xavier.

perdia com o negocio o dôbro da comissão cobrada na vespera. E Xavier assinou.

III

Quando Joshua, finalmente, se dirigiu ao correio para receber o vale e recuperar, com um vale de cinquenta, os sessenta mil réis de que estava desembolsado, o empregado da estação explicou-lhe:

— Este vale já foi pago, sr. Joshua. Andou extraviado durante muito tempo, foi pedida uma segunda via, e essa segunda via foi ontem mesmo paga ao sr. Xavier. O original, por consequencia, já não presta para nada. Tenha paciencia...

— Foi pago ontem mesmo, diz o senhor?

— Sim, senhor. Ontem á tarde.

— Grande ladrão, aquele Xavier! E Joshua, se não morreu com uma congestão cerebral naquele momento, deve-o a um milagre de Jehovah.

MYSELF.



— Por mais que a gente se cante em levantar as saias não há maneira destes tipos de agora se decidirem.

Cacharolete

Côos olhos embasbacado,
Vi, ha dias, nos papeis
Que vão ser inaugurados
Os cursos para creados
De *restaurants* e hotéis.

Co'a ideia simpático,
Que ha *soubrettes* com senões,
Mas entendo, em meu juízo,
Que era muito mais preciso
Abrir escolas de patrões.

Vou fazer a narração
De dois casos que conheço,
E então os leitores verão
Se é que tenho ou não razão.
Pedindo aquilo que peço.

Uma *soubrette* ideal,
Cujos nome não escondo,
Serviu certa horizontal
Que mora, como é fatal,
Para o Conde de Redondo.

Um dia, que a corteza
Foi a «Marques» tomar chá
Disse á criada louca:
— «Se vier o Vila Chá,
Receba-o, que eu volto já!»

Volte a criada exemplar:
— «Eu sou p'ra todo o serviço,
Não me nego a trabalhar,
Mas, queira-me perdoar,
Não vim p'ra cá para isso!»

Mora em casa apalaçada
O marquês de Etc. e tal,
E, sobre a porta de entrada,
Toda ela armoriada,
Tem *marquise* de cristal.

Um dia, diz de surpresa
A qualquer novo laçoio:
— «Não acha que esta marquesa
Começa a pedir limpeza?...
Sacuda-m'a, enquanto eu saio.»

E ajunta, voltando atrás:
— «Faça-me isso com cautela!
Na marquesa ha lixo ás pás,
Mas veja lá o que faz,
Não se penha em cima dela!»

JOÃO FERNANDES.

Vejo na imprensa o anúncio
de que uns colonialistas
estão fazendo conferencias
na Associação dos Lojistas.

Segundo vem nos papeis,
um capitão que falou,
sobre o problema do milho
em Angola se espraçou.

Capitão Vergílio Costa,
é bom que não especialise,
e mesmo assim capitão,
urge que *generalise!*

Bem sei que o momento é grave
e andam quasi a pedir esmola
os donos dos milharais
que ha na provincia de Angola.

Que para o «milho» de Angola
se arranje um novo sistema;
mas olhe que em Portugal
tambem existe o «problema»...

O *Noticias Ilustrado*
quere conhecer as razões
porque tem pseudonimo
alguns illustres varões.

Queres tu saber o motivo
— se o sabes, peço que o cales! —
porque isto é assinado
pelo *Homem dos Timbales*??

Timbales são instrumentos
ruidosos e populares
que, á pancada da zabumba,
fazem estremecer os ares.

Têm o estranho feitio
da meia laranja. E são
o remate musical
de qualquer composição.

Toiros, mulheres e mantones,
Feinetas furando o ar,
Azucarillos! Cerveza!
e os timbales a tocar!

Se não aprecias isto,
toma cautela, não fales,
nem queiras contrariar-me,
pois mando-te p'ros... timbales!

O HOMEM DOS TIMBALES.

Inter sodales

sempre
fixe

PIANO

Legia-lega

Musica e versos de
ALEX T AAAA



O Fixe

Cetuarle

Sou um gaiato bréjeiro
E frecheiro,
Na troça bem conduzida
Escolhida,
Filho de boa familia,
Em todas tenho guarida,
Ninguem me vota quezilia.

Alfredo Gália

Tenho graça c'mo a breca,
Sou careca,
Faço o fundo do jornal,
Que afinal,
Apesar de brincadeira,
Tem plada original
E mordaz sem ser grosseira.

Feliz Correia

Jornalista, aviador,
Sem favor,
Passo a vida alegremente
E contente,
Sou «O Homem dos Timbales»
Nos «Chás das 5» um valente,
E ao Manzoni meto vales.

J. Carneiro A. Fernandes

Tenho modestia a valer
Podem crêr,
Sou um fino personagem
De linhagem;
E se aqui venho cantar
Foi só por camaradagem
Que me vim apresentar.

Aborto litero-musical de

Eu só bebo capilé,
Ou café,
Não bebo já aguardente
'Sta assente,
Porque além de piadista
Quero ser abstinente
E armar em capitalista.

El Rogerio Terribi

Recomendo a Vocelencias
Que as essencias
Dão cabo do pigmento
Num momento,
Eu por isso me penteio
Sem pomada ou unguento
E mesmo assim não sou felo.

O Côro versista

Sem arranjos,
Em versos tortos, macanjos,
Rimando num ávontade
Sem que agrade,
Eu tiro o retrato a mim
Focando uma nulidade
Com poesia tão ruim.

Todos (ao P. B.)

Acima de todos nós
Ha a voz
Dum Petronio sem rival
Que ao jornal,
Diplomata jovial,
Dedica acendrado amor;
O illustre director.

ALEXANDRE SETTAS.

Telegrama atrozado ou a "caravela encravada"

O avião Dornier «Do. X» ficou retido na baía de Gando.

(Dos jornais)



«Ficamos cá, Gando, aguardando tua nova»

Mascaras...

Sempre Fixe, na boa intenção de fornecer aos seus leitores alguns modelos originais e inéditos para o Carnaval deste ano, pretende unicamente evitar que os mascarados não sejam apenas os estafados *pierrots*, os velhíssimos «modas do Minho», as damas antigas e pouco mais.

A nota característica do Carnaval são sempre as creanças mascaradas. Começemos, portanto, pelas creanças.

Para os meninos pequeninos deve ser muito bonito um lindo costume de meter o dedo no nariz.

Para as creanças de nove a dez anos, aconselhamos uma imitação dos fatos que serviram no filme «A Severa», porque lhes vai servindo de lição para quando forem crescidas.

Os meninos de onze a treze anos podiam vestir-se de alimentos, que é um costume cheio de originalidade. Pão, por exemplo. Os meninos finos mascaravam-se de *papos-sêcos*, os meninos de classe média de *tipo unico* e as meninas de *rosca*, que é um costume que lhes deve ficar muito bem.

Entre os quinze e os dezasseis anos, as melhores mascaradas são as de meninos educados. Podiam vestir-se, por exemplo, os meninos á paisana, como qualquer pessoa de bem, e as meninas de saias até ao tornozelo, para não andarem a causar vertigens pelas ruas.

Os estudantes deviam mascarar-se de arrieiros ou ferradores, e mesmo assim com muito cuidado, para não ofenderem estes honrados trabalhadores.

As meninas de vinte a vinte e cinco anos, ou mesmo trinta, deviam muito simplesmente vestir-se, que é um costume que lhes deve ficar mesmo a matar.

Os políticos basta que enfiem uma carapuça e ficam completamente mascarados.

Os tendeiros, os salsicheiros e a maioria dos nossos comerciantes não se deviam mascarar; deviam muito simplesmente desmascarar-se...

Os rapazes novos e elegantes que passam a vida encostados ás esquinas e constantemente dirigem piadas ás senhoras, tambem não precisam mascarar-se porque já estão fazendo uma linda figura de urso.

Os velhos tambem não precisam de usar mascaradas. Basta apenas que pintem os cabelos e o bigode e ficam logo rapazes novos; nem precisam de enxertos de glandulas de macaco porque os enxertos veem depois.

Um das mais lindas mascaradas deste ano seriam certamente as *papillons* dos clubs, se quizessem vestir-se de *creadas de servir*. Ficava-lhes mesmo a matar.

As senhoras de sociedade deviam vestir-se de *peixeiras*. Era um costume que lhes devia ficar, com toda a certeza, como uma luva.

E muitos mais trajos o *Sempre Fixe* podia aconselhar, mas não é preciso. Tudo isto são fatos que custam muito dinheiro e, como o tempo é de economias, o melhor que devem fazer é vestir-se com os fatos que tem e que já são conhecidos de toda a gente. Ou então ainda havia uma maneira bastante original para se mascararem e que seria o mais economica possível. Era muito simplesmente largarem a mascara com que andam todo o ano e virem para o melo da rua tal qual são.

Garanto-lhes que ninguem os conhecia.

FERNANDO D'AVILA.

BARBIE-SE COM LAMINAS



As de mais fina tempera

Este Francisquinho...

Era a frase consagrada com que, na Lourinhã de Baixo, a população de importância (que toda se reunia na botica do Ruy Empancas) comentava todas as frases, exclamações e respostas que o Francisquinho Planganos soltava á admiração dos seus conterrâneos.

Francisquinho, empregado na farmacia desde que o pai falecera, e se tornara pertença das velhas tias que o recolheram, criava, desde menino, a fama de muito engraçado. E, assim, a mais desenhada frase obtinha imediatamente fóros de graça inimitável entre os seus ouvintes.

Vivia assim satisfeito de si e do próximo, por todos adulado e querido, farto de sojas e guloseimas e tão convencido do seu valor que não admitia a hipótese de ver um dia uma das suas sem provocar a gargalhada geral dos seus contemporâneos.

Mas lá está aquele velho dictado com que o Salomão um dia estareceu os sábios da Grecia: «sic transit gloria mundi», que é como quem diz, lá na sua, «não ha mal que sempre dure, nem bem que se não acabe».

Fundou-se, um dia, em Lisboa a Associação dos Humoristas, criada propositadamente para demonstrar que os humoristas são as criaturas de trato mais insipido que ha no mundo.

Logo que a noticia foi, através dos periodicos da tumultuosa capital, comunicada para a Lourinhã de Baixo, os admiradores de Francisquinho reuniram-se no adro da igreja e tomaram uma resolução imperativa. A qual, momentos depois, comunicavam, em forma de mensagem, ao «espírito preclaro e esfusante do seu estimado conterrâneo».

O Francisquinho Planganos iria a Lisboa representar a graça, o humor, o fino espirito da Lourinhã de Baixo e requerer assento de honra entre os membros da nova Associação (talvez futura Academia... — quem sabe?). As despesas correriam por conta dos seus admiradores da farmacia, os quais se cotizariam com largueza, a fim de que o «seu Francisquinho» não passasse necessidades, nem fizesse má figura entre os seus colegas de Lisboa (que eles supunham ganhar rios de dinheiro com o que escreviam!!!)

Tudo correu pelo melhor. Ruy Empancas teimou em acompanhar «o seu rico Francisquinho», a quem o ajudante de notario, dando-se arês de erudito, chamara o Mark Twain da Lourinhã de Baixo.

Realmente, o sucesso de Francisquinho Planganos em Lisboa foi consideravel, sobretudo se considerarmos que chegara recentemente da Lourinhã. — Não demorou muito que se soubesse na farmacia que ele fóra eleito membro da Associação dos Humoristas Nacionais, em cuja sede lhe fóra oferecido um Bucelas Xoc, honra que muito o penhorou.

Assim, não se falava noutra coisa na populosa vila, quando chegou a noticia do regresso do Francisquinho á terra que, saudosa, por ele anciosamente bradava.

Ruy Empancas (que se sentia um pouco parte integrante daquele enorme triunfo) telegrafara na quarta-feira:

«Ultima vitoria (stop) Sempre Fixe publicará amanhã artigo humoristico Francisquinho (stop) Chegaremos na sexta-feira tarde (stop) Saude e Gloria! — Empancas».

No dia seguinte, o Sempre Fixe teve uma venda colossal na gare da Lourinhã de Baixo. Houve que pedir novas remessas para Lisboa. Dada a má e covete, e levava para...

Quando, ás 7 da tarde de sexta-feira, Empancas e Francisquinho

CARNAVAL



— Viva a folia!

entraram, de braço dado e radiantes o limiar da porta da farmacia, ali os aguardava uma verdadeira multidão dos admiradores do celebre humorista.

Mas, em vez dum colossal brado de triunfo, acolheu-os um frio desdem mal disfarçado.

Dir-se-ia que aquela gente engulira, toda ella, uma forte dose de hipecacuanha.

— Adeus, Francisquinho! — disseram alguns, debilmente.

E outros:

— Que pena, que pena!
— Foi um triunfo! — berrava, apoplectico, Empancas. — Eu é que o sei...

— Que pena daquele rico dinheirinho! — exclamou alguém mais atrevido.

Então, Francisquinho, ofendido e indignado, perguntou:

— Então eu não entrei para a Associação? Não me ofereceram um Bucelas de honra?...

— Sim, sem duvida! — confirmaram alguns.

— E o triunfo enorme da publicação do meu artigo no Sempre Fixe?... — tornou, aflitivamente, o humorista.

Então, recuando, como que espavorido, daquela turba de velhos admiradores saiu um côro rouco e dolorido:

— Mal que fizeste, Francisquinho! Aquilo, ali, pega-se... Foi a primeira vez que não tiveste graça nenhuma.

CIRANO DE VELHOFRAC.



...peças encimadas postais para lo habilitares para o 5.º concurso.

Prosa de Cha-Velho

Maurice Dekobre está publicando em *Le Journal* uma serie de cronicas da sua viagem ao Mexico, dedicando uma delas a «Toros et Matadors» e usando de frases como estas que ele ouviu a espectadores conhecedores:

«— Hé! Joselito!... Regarde-moi ce veau... Il a tête de chloroforme!»

— Je préfère ce petit noir de l'hacienda Piedras Negras... Il a du vice dans les yeux!

— En voilà un qui donnera du fil á retordre á Bienvenida!

— Il l'estoquera á dix metres, avec une lance!»

Aqui para nós, «aficionados» amigos, é o proprio Dekobra quem confessa que para tal cronica foi convidado pelo «senhor Marcial Lallanda».

E todos nós sabemos que Marcial não morre de amôres pelo «pequeno» Bienvenida.

Quanto ás pitorescas classificações que o escritor francez dedica aos touros, devmos convir que servem para provar a verdade de outras que nós ouvimos em Bayonne e que constam do nosso livro «De Lisboa a Sevilha pelos Pirenéus» — passe o reclamo...

★ ★ ★

Depois foi Dekobra recebido por Marcial:

«Il nous reçoit dans son appartement, en robe de chambre, comme un bouxeur avant le match. Il se distrait en écoutant un disque que joue une valse viennoise...»

E, mais abaixo:

«Il nos offre la *mancuella* traditionnelle avec la grace d'un petit-maitre du XVIII. Ce n'est beau. Ses traits son fins. Ses yeux admirables ourlés de longs cils noirs...»

Que fino!
E que bom!

★ ★ ★

E, para fechar, um acontecimento portuguez:

O sr. D. Bernardo da Costa, festejado autor do livro «Touros de Morte», foi colhido por uma vaca e teve que sofrer uma injeção anti-tetanica.

Logo a seguir, foi o simpatico cronista taurino Fernando Baptista que levou a mesma anti-tetanica por ter caído numa vaca...ria.

E, para lhes não ficar atraz, apanhei eu agora a anti-tetanica por ter sido colhido por um... carro electrico.

Que dirão a isto os anti-taurinos?

PEREZ LA CHAISE.

Lisboa vai ser dotada
E não lhes digo mais nada...
Mas se não falo rebento;
Um novo estabelecimento
Como até hoje não vi
Cura-me a mim e a ti,
Cura a todos sem dór
O valoroso licôr
Quê a *Ginginha Rubi*.

R. Barros Queirós, 27

LISBOA

Quereis dinheiro?

Jogal no

Lama

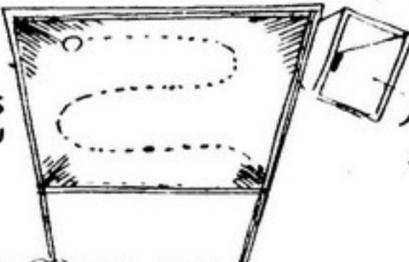
Rua de S. Paulo, 61 — LISBOA

Sempre sortes grandes

ECOS DA SEMANA

... E NUM QUADRO ELECTRICO A MULTIDÃO PAINE...
LÓSA... IA SEGUINDO OS PASSOS DO JURY. E UM
PARLEUR INDICAVA OS OITO "PONTOS" PREMIADOS NUM
BILHETE INTEIRO.

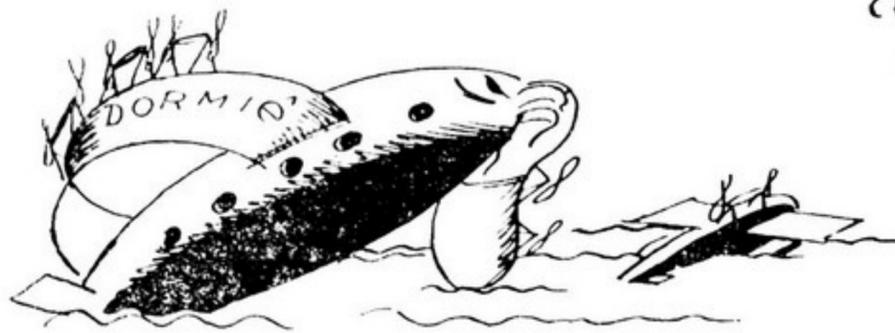
O MEUVIGES
SIMO SAIU
BRANCO.



ALLÔ ALLÔ
O JURY FEZ
MÃO AO AR...
ETC



COMO OS HIDRÓ-VIÕES ANDAM AO PAR
COM O CAFÉ O "DORMIÊ" SÓ SUBIRA
QUANDO O CAFÉ TAMBEM SUBIR.



AS GRAGAS BEM LHE FAZEM CÔÇEGAS
MAS O POBRE CARNAVAL JÁ NÃO DA
NADA.



AS PEQUENAS NACIONAIS POR TE
REM PERDIDO AS ESPERANÇAS DE
IREM AO
CHILI TEEM
CHILI... QUÊS
ÁS DUZIAS



NO BAILE DA SOCIEDADE DE
MUSICA DE "CAMARA ARDENTE"
ESTAVAM UMA "RAMA THAE" UM "MENJOU"
E 2 "JOSEFINAS (GROSSAS) BAKERS

WIENER



DOUCET



"WIENER ET DOUCET" SÃO, AO
QUE PARECE, DOIS PIANISTAS
GEMFOS, QUE JÁ TOCAVAM DENTRO
DA BARRIGA DA MÃE.



NO TIVOLI